

SARAH ANN JUCKES

Ilustrado por Linde Faas

«Um livro
simplesmente
maravilhoso!»

Bookseller



NAS ASAS DA
CORAGEM

Para a Annie e a Charlotte



A floresta ficou em silêncio absoluto desde a última vez que cá estive. Nessa época, as copas das árvores fervilhavam de pássaros e o chão era macio como uma esponja enlameada. Era como caminhar por entre uma orquestra de sons ensopados, assobios e zumbidos de abelhas.

Agora, estamos no inverno, e os únicos sons são o farfalhar das folhas caídas debaixo das nossas botas.

Crac, crac, crac.

Crac, crac, crac.

Olho para o tio John, que caminha ao meu lado. O seu cabelo ondulado balança como as orelhas de um cão enquanto ele anda. É ruivo-vivo, como o meu, mas ele não tem tantas sardas no rosto como eu. Ainda não disse quase nada durante toda esta caminhada, o que provavelmente é a coisa de que mais gosto nele. Ele escuta, tal como eu.

— Grrrrrau!

Dou um salto quando uma menina aparece do nada — a correr pelo trilho, vinda da direção oposta e gritando a plenos pulmões. Terá provavelmente uns 9 anos, a mesma idade da minha irmãzinha Scarlet. Mas esta menina está de pé e livre, em vez de presa no hospital como a minha irmã estará dentro de poucos dias. E esta menina deve estar muito distraída, porque vem contra mim como se nem me tivesse visto.

— Ai! — digo, quase sem se ouvir.

— Annie! Olha por onde vais! — grita uma senhora atrás dela, que empurra um carrinho de bebé e parece estar com calor, apesar de hoje estar tanto frio,

que nem consigo sentir a ponta dos meus dedos, mesmo de luvas.

A menina não pede desculpa nem nada.

Continua a descer o trilho rugindo pelo caminho como um animal selvagem.

O tio John franze a testa e examina-me com os seus olhos castanho-escuros.

— Ela quase passou por cima de ti. Estás bem, Eddie?

Dói-me um pouco a barriga por causa do cotovelo afiado da miúda. E dói-me o dedo grande do pé, onde ela me pisou. Mas sorrio-lhe, aceno com a cabeça e volto a olhar para o chão gelado, para que continuemos a caminhada.

Às vezes, sinto-me como se fosse feito de poças de gelo. Sou sólido no rebordo, mas no meio não há nada que as pessoas possam ver. Os meus braços são como gotas de chuva que congelaram ao cair para o chão, e a minha boca é apenas um risco feito pelos patins de gelo de alguém.

O tio John pigarreia.

— O teu pai disse que desta vez vais ficar comigo por umas semanas.

Encosto o queixo à gola do casaco e mantenho os olhos no chão. A geada espalhou brilhantes por todo o lado, como se estivesse tudo debaixo de um feitiço. No inverno, conseguimos ver coisas que provavelmente não víamos antes, como teias de aranha e esqueletos de folhas.

Sou bom a ver coisas dessas. Vi as cartas do médico em cima da mesa da cozinha sobre a grande operação da Scarlet antes de os pais me contarem. E percebi que provavelmente ficaria com o tio John outra vez, antes mesmo de os pais terem pensado nisso. Não me importo de ficar aqui. Há muita coisa a acontecer com a Scarlet, e é mais fácil para os pais se eu não estiver a atrapalhar quando as coisas importantes estão a acontecer.

— Tu e a Scarlet vinham sempre aqui quando eram pequenos, lembra-te?

Aceno com a cabeça ainda antes de recuar assim tão longe, mas acho que me lembro. Nessa altura,

a respiração da Scarlet não era tão ofegante. Nessa altura, ela era só histórias, brincadeiras e barulho.

Agora, já não é assim. A floresta está silenciosa e cristalina, assim como se está em casa. Mas é bonito, não é? Poderes ouvir os teus passos suaves e o teu coração a bater dentro dos ouvidos, lembrando-te de que funciona e de que és o sortudo.

O tio John pigarreia novamente, põe uma das suas mãos pesadas no meu ombro e aperta-o.

— Quero que sintas que podes falar comigo enquanto estiveres aqui, Eddie.

Tropeço na raiz de uma árvore e sinto um aperto na barriga. Olho para ele e vejo um sorriso atrapalhado. Não sei o que dizer ou fazer, mas de repente parece que o tio John consegue ver através do meu rebordo de gelo, como se o inverno também me tivesse coberto de brilhantes.

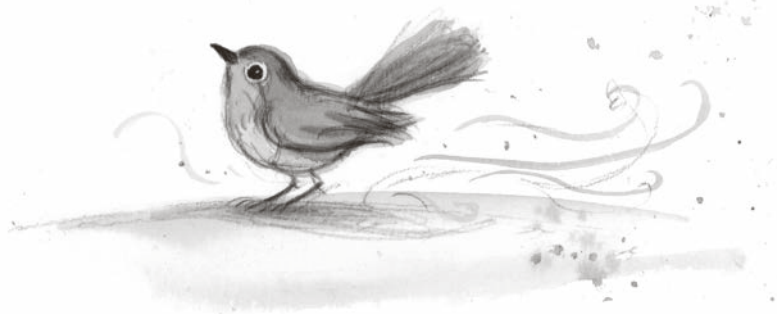
— Estou bem, obrigado — digo eu rapidamente, endireitando-me.

Ele aperta-me o ombro outra vez e percebo que quer dizer algo mais, por isso sustenho a respiração.

Mas ele não diz nada. Só me dá uma palmadinha desajeitada e continuamos a caminhar em silêncio. Saímos da cúpula formada pelas árvores, atravessamos o campo de erva do outro lado e seguimos o trilho ao longo do limite do Centro de Visitantes, onde ficam o café e a loja. Atravessamos a estrada para o seu pequeno chalé com vista para a floresta. Depois, tiramos o gelo das botas e suspiramos quando o calor da casa nos envolve, e, ainda assim, não dizemos mais nada.

E eu fico contente. Porque, se o tio John pudesse ver as palavras escondidas no fundo desta poça de gelo, nunca mais ia querer que eu ficasse em sua casa.





2

A casa do tio John soa como madeira crepitante e cheira a serragem. Crepitante porque ele tem uma lareira enorme na sala de estar, onde eu até podia deitar-me, se não estivesse sempre acesa. *Pop, snap, crac*. E serragem porque acho que o tio John passa o tempo todo na sua oficina de carpintaria, no jardim, quando eu não estou cá.

É lá que ele está quando acordo no sótão frio, na manhã seguinte. O sótão geralmente só serve para guardar caixas e livros com pó, mas, durante as

próximas duas semanas, é meu. Há um varão, uma cómoda e um colchão em cima de uma estrutura de cama que se farta de ranger. A janela é pequena, mas dá para a floresta — uma massa de ramos nus de inverno que se estende impossivelmente à distância. Da última vez que estive cá, o tio John fez-me um candeeiro com ramos retorcidos, que parece o braço de uma árvore gigante a segurar uma lâmpada, e fico contente por ainda estar cá, a brilhar ao lado da cama.

Não sei bem o que fazer comigo, portanto penduro todas as roupas que a mãe separou para mim — camisolas e calças de ganga confortáveis, camisas e calças para a escola. Aquilo faz-me pensar nela e no abraço que me deu antes de eu vir embora.

— Tens a certeza de que ficas bem com o tio John? — perguntou a mãe, passando-me os dedos pelo cabelo.

Inclinei-me para ela. A minha mãe é fofa e cheira a perfume quente. Tem o cabelo curto e escuro, diferente do meu e do da Scarlet, que temos cabelo ruivo — ou do do pai, que já não tem cabelo na cabeça.

Fiz que sim com a cabeça.

— Tenho a certeza. Eu gosto do tio John, e vai ser como se estivesse de férias, não é?

Senti os ombros da mãe relaxarem, e ela riu-se. Eu gosto de fazer isso por ela. Ela tem sempre os ombros tensos, como se carregasse um peso enorme, por isso é bom poder aliviar-lhe um pouco esse fardo.

— Exatamente. E tu mereces umas férias, Eddie — disse ela.

Ali no sótão não parece exatamente que estou de férias, portanto desço a escada rangente e saio para a oficina no jardim, para ir ter com o tio John.

O tio John é escultor de madeira. Antes, trabalhava num banco em Londres, sempre a correr de um lado para o outro e a ganhar muito dinheiro. Mas depois largou tudo, mudou-se para a floresta e agora faz coisas estranhas e lindas com ramos e pedaços de árvores mortas.

— Eddie? — diz, surpreendido, quando empurro a porta; a minha respiração é cheia de nuvens, mesmo

estando dentro do barracão que ele construiu para trabalhar. — Vens ver-me a trabalhar?

— Pode ser? — sussurro, recuando até ao fundo da sala, onde as ferramentas estão penduradas em ganchos.

O tio John faz um sorriso largo. Parece-se muito com o pai quando sorri — talvez porque ambos têm o mesmo espaço entre os dentes da frente.

— Claro — responde. — Estou a trabalhar na minha última encomenda, que é mesmo muito especial. Acabei de a lixar e, depois de lhe dar o acabamento, estará pronta para a queima.

Observo-o durante um bocado, a usar um pano para remover todos os restos de serragem das ranhuras dos ramos retorcidos em que está a trabalhar. Parece que poderá ser outra mão, mais uma vez — como o candeeiro do meu sótão. Mas os dedos estão partidos e estendem-se em ângulos estranhos, como um polvo de madeira. Aproximo-me e olho para as prateleiras da estante na parede oposta, onde outros ramos iguais a este se retorcem e se estendem em diferentes

direções. Alguns são pretos como azeviche, como se tivessem sido deixados no fogo para ficarem queimados. Outros parecem dentes irregulares, com manchas verdes que crescem de lado.

— Reconhece-los? São modelos dos carvalhos mais antigos que crescem na floresta. Já passámos por alguns deles nos últimos dois anos, tu e eu.

Semicerro os olhos para o maior deles — com os braços abertos, como se os seus dedos fossem cobras selvagens com muletas a sustentá-los.

— Este é o *Maior*? — pergunto, lembrando-me das placas junto de algumas das árvores da floresta, cada uma contando uma história sobre a árvore e sobre como recebeu o seu nome.

O tio John acena.

— O *Maior* é mesmo o maior, mas há centenas de carvalhos antigos nesta floresta, cada um com a sua personalidade. — Aponta para a escultura em que está a trabalhar. — Este será o *Kraken*, que é, na verdade, uma árvore formada pela junção de várias árvores que, a certo ponto, cresceram juntas, por isso parece

um monstro marinho. E aquele atrás do *Maior*: esse é o *Sr. Cortado*, chamado assim porque está dividido ao meio. Mas mesmo assim, continua a crescer!

Eu sorrio.

— Fazes com que pareçam pessoas.

— Sim — diz ele com a cabeça. — Bem, não exatamente pessoas. Mas sempre pensei nos carvalhos como gigantes, velhos que outrora caminhavam pela floresta. Quando se cansaram, plantaram-se no solo e contentaram-se em observar silenciosamente o mundo a girar à sua volta, durante centenas de anos.

Passo o dedo pelo lado do *Sr. Cortado*. A sua pele é áspera como a das mãos de um velho.

Sinto o tio John a olhar para mim, por isso volto a pôr as mãos nos bolsos. Ele pigarreia e volta a limpar a sua escultura.

— Sempre achei que as árvores são as melhores ouvintes. — Olha-me de relance, e eu desvio o olhar. — Principalmente para os segredos que achamos que ainda não conseguimos contar a ninguém.

Dou um passo atrás e embato na bancada dele.

— Talvez vá caminhar um bocado — digo rapidamente. — Pode ser?

— Ótima ideia! — diz o tio John, todo animado. — Não vás muito longe; vou fazer umas baguetes para o almoço, se puderes estar cá ao meio-dia. Mas se vires algum dos meus amigos-árvores por lá, diz que eu mando um «olá».



3

Hoje é domingo, o que normalmente significa que todos os sítios estão cheios de pessoas livres da escola, do trabalho e de outras coisas que têm de fazer durante a semana. Mas o vento gélido deve ter feito com que voltassem todos para dentro de casa, pois a caminhada pelo campo de jogos até à floresta é solitária e silenciosa.

Bom, não me sinto realmente solitário. Estou sozinho e não há mais ninguém à minha volta, mas não me sinto solitário. Estou habituado a brincar sozinho

no meu quarto e na escola quando a Scarlet não está, por isso não me importo. Na verdade, até é melhor assim, porque não tenho de me preocupar em ser educado e em estar sempre a fazer as coisas certas.

Levanto o queixo do cachecol e bato com as mãos na cerca que rodeia o caminho de lama, fingindo que os meus dedos são um *skate*. Faço manobras e saltos incríveis e imagino as árvores a aplaudir.

A princípio, sigo os trilhos principais, com placas que estão sempre a indicar o caminho. Mas, conforme avanço, os sons da floresta parecem ficar mais altos, e depois já não é só a minha respiração e o *fshh-fshh* do meu casaco quando balanço os braços, mas também o *cric-crac* de duas pegas que lutam nos ramos acima e o sussurrar das folhas, causado por algum pequeno animal escondido nos arbustos de amoras. E então, saio do trilho, seguindo para onde quer que o próximo som me leve.

À direita, em direção ao bater de asas de um pombo.

À esquerda, onde um esquilo atravessa a correr um trilho mais pequeno e escuro e sobe a uma árvore.

Parece que estou a receber um mapa de sons e pergunto-me aonde tudo aquilo me levará, quando de repente chego.

Um carvalho antigo. Alto e estranhamente familiar, como se eu já tivesse estado ali antes.

Consigo perceber que é especial porque se ergue no meio do caminho, afastado de todas as outras árvores, como se também gostasse de estar sozinho. É alto — o tronco sobe a direito e abre-se cheio de ramos no topo. Mas o que me dá mais certeza de que não é uma árvore normal é que tem uma caverna escondida que a atravessa.

Paro, com o coração a bater-me forte nos ouvidos. A floresta, de repente, parece mais silenciosa e mais barulhenta do que nunca. Faz-me lembrar uma catedral que visitámos numa excursão que era tão grande e as paredes tão cheias de histórias, que parecia que todo o nosso ar e todas as nossas palavras eram sugadas por ela. Mas aqui há um zumbido, como se o chão gelado estivesse a borbulhar com algo debaixo da superfície que pode irromper a qualquer momento.

Olho para a esquerda e para a direita ao longo do trilho, quase sem respirar.

Estou sozinho. Não há aqui ninguém para ver.

O carvalho parece um rosto velho e retorcido que pode virar-se de repente, e uma voz severa vai repreender-me por ousar estar tão perto de algo tão antigo e cheio de magia. Mas ele permanece imóvel e gelado, e nem sequer estremece quando ponho a mão na sua casca húmida e áspera.

— Olá — sussurro, porque me parece bem ser educado.

Embora haja algo nesta árvore que me faz sentir como um velho amigo, não sei o seu nome. Os nomes de árvores que o tio John me ensinou de manhã eram todos um pouco estranhos e maravilhosos, portanto decido chamar a esta *Ovo de Páscoa*, por causa do seu interior oco.

Dou mais um passo em frente e entro na abertura da caverna dentro da árvore, com a sensação de ter atravessado a porta para outro mundo. Tal como um ovo de Páscoa, o interior da árvore foi escavado —

não por uma máquina, nem por uma grande colher, mas por anos e anos de fungos e insetos, que foram corroendo o seu miolo. Lá dentro está escuro e cheira a humidade, lama e coisas que me fazem arrepiar a ponta dos dedos.

Dou uma última olhadela ao caminho vazio. E depois baixo-me e entro completamente na caverna, ficando lá dentro, como se fosse o meu próprio covil particular.

Olho para cima — para as aberturas no cimo da caverna, por onde entra a luz do sol. Sinto-me seguro aqui, no silêncio. Como se pudesse largar todo o peso que carrego nos ombros e ser simplesmente eu mesmo.

Sem pensar muito no que estou a fazer, começo a falar.

— Chamo-me Eddie Loxley. Tenho 11 anos. Gosto de ler, de jogar videojogos e de ver desenhos animados com a minha irmã. A minha comida preferida é torradas com ovo mexido, mas não com *ketchup*, porque fica estranho. Sou bom a Matemática, mas prefiro Inglês por causa das histórias.

Respiro fundo. E sinto como se as raízes da árvore se enroscassem nas minhas botas e os ramos por cima se inclinassem na minha direção — como que para me escutar.

— Para a semana — digo —, a minha irmã mais nova, a Scarlet, vai fazer uma grande operação. E eu nunca estive tão assustado em toda a minha vida.

Eu tinha-o dito. Em voz alta, embora apenas num sussurro.

Sinto um zumbido nos ouvidos ao ouvir as minhas próprias palavras a ecoar à minha volta. Parece que deixei sair algo de dentro de mim, apesar de não ter a certeza se é bom ou mau, mas soa como uma canção e parece haver um estremecimento gigantesco debaixo da terra, que pode dividir o mundo em dois a qualquer momento.

Por um instante, não me sinto tão assustado.

É então que ouço um som vindo do cimo da árvore. Um farfalhar. Uma batida suave.

E lá, olhando para mim e para as palavras que eu disse, está um pequeno olho negro.





4

Tapo a boca com as duas mãos e dou um salto para fora do oco da árvore, olhando para um lado e para o outro do trilho, para ver se mais alguém tinha ouvido o que eu dissera. Os pais disseram-me que eu tinha de ter pensamentos positivos sobre a Scarlet e a sua operação, e o facto de eu ter medo de que algo de mal lhe aconteça não é nada positivo. Mas agora está cá fora — voou da poça gelada do meu peito, subiu pelo miolo oco da árvore e saiu para o mundo.

E alguém ouviu.

Dou um passo atrás, olhando para o cimo da árvore, onde vi o olho. Ouço um rumorejar e, a seguir, um passarinho com um intenso brilho vermelho no peito voa até aos meus pés e olha para mim, com a cabeça inclinada para o lado.

Um piscos. Sustenho a respiração.

Os olhos do piscos são pequenos, mas ele vê-me. Eu nem consigo ver-lhe as orelhas, mas sei que também me ouviu. Está muito perto de mim, e pergunto-me porque será que não voa para longe, assustado.

Exatamente quando eu estava a pensar fugir, o piscos começa a cantar. Alto. A canção é confusa, com altos e baixos, e é a coisa mais bonita que eu acho que alguma vez ouvi. Há notas curtas e notas longas. Pausas e sons que tocam uns nos outros, como peças de dominó a cair. A música parece ter sido arrancada dos meus próprios ossos, e o piscos está tão perto, que eu consigo ver a maneira orgulhosa como ele incha o peito enquanto canta e o seu bico minúsculo a abrir e a fechar para dar forma às notas.

E então, tão de repente quanto começou, ele pára.

Como se estivesse à espera da resposta a uma pergunta. Mas eu não sei qual é a pergunta.

Ele inclina de novo a cabeça, saltitando para mais perto de mim. E então, bate as asas, levantando voo e mergulhando, antes de pousar novamente — mesmo no meu ombro, num ruído de penas quase silencioso, mas que me parece o som mais maravilhoso alguma vez produzido.

Tenho arrepios no corpo. Não quero respirar, nem mexer-me, para não o assustar. Consigo vê-lo no meu ombro pelo canto do olho; a cabeça inclinada para o lado.

O que queres? Apetece-me perguntar-lhe. Eu não falo a língua dos pássaros.

E, de repente, o pisco voa para longe novamente. O meu coração aperta-se, porque, por um instante, senti-me a pessoa mais especial do mundo, e só agora me apercebi do quanto ansiava por isso. Ele não voa para muito longe — apenas até a um ramo baixo mais à frente no trilho — e canta novamente, uma melodia diferente da anterior. Parece mais urgente.

Talvez eu fale mesmo a língua dos pássaros, afinal. Porque sei, de alguma forma, que ele quer que eu o siga.

Dou um passo cauteloso em frente. Depois outro, e outro. E o pisco voa de árvore em árvore, atravessando o trilho enquanto eu o sigo. Vai ficando mais rápido à medida que eu ganho mais confiança, e depressa estou a correr — com o ar frio preso dentro do peito como se os meus pulmões estivessem cheios de gelo. O pisco canta novamente: *Depressa! Depressa, Eddie!* E eu dou o máximo.

Esquerda, direita. Subo uma colina aos tropeções, afasto-me do trilho, atravesso montes de folhas secas que estalam. Rastejo por baixo de uma árvore caída, passo por um buraco no meio de uns arbustos e, de repente — *POP!* Sou cuspidado para uma pequena clareira que foi alisada num círculo perfeito.

A respiração sai-me como uma névoa e tenho os olhos cheios de lágrimas. O pisco canta ao meu lado, como se estivesse a cantar para dar vida a qualquer coisa.

Olho em volta com os olhos marejados e vejo apenas erva castanha e desfocada e um vazio total. Limpo os olhos com as costas de uma manga e o nariz com a outra.

Mas quando afasto os braços do rosto, vejo-a. Uma miúda de ar zangado, que aparece de repente, como se tivesse sido tecida a partir da canção do pisco. Tem as mãos na cintura e veste uma roupa estranha, feita de peles de animais e pedaços da floresta. É mais alta do que eu e tem uma faca enfiada no cinto, algo que a minha mãe nunca me deixaria ter. Tem um cabelo comprido e selvagem, que cai desgrenhado pelas costas, com lama seca e folhas agarradas.

Há muitas coisas estranhas nesta miúda. Mas a mais estranha de todas é que, quando olho para ela, consigo ver através do seu corpo para o outro lado da clareira, como se ela também fosse feita de poças de gelo.

Ela olha para mim enquanto eu olho para ela e depois revira os olhos transparentes.

— A sério, Pisco? Eu disse que precisava de guerreiros caçadores de monstros, e tu mandas-me este pirralho?

A sua voz soa oca, como a de uma coruja na noite, mas as suas palavras são afiadas.

O pisco responde com um canto zangado, e ela levanta as mãos, exasperada, arrastando-se na minha direção como se estivesse a ser obrigada a fazer algo particularmente aborrecido que não quer fazer. E, quanto mais se aproxima, e quanto mais eu pestanejo, mais percebo o que está a acontecer.

Esta miúda não é uma miúda.

É um fantasma.

Alguma vez
te sentiste invisível?

Enquanto o mundo à sua volta parece seguir em frente sem reparar nele, o Eddie refugia-se na floresta. É aí que um pequeno pisco o conduz até Mari, uma rapariga misteriosa que parece conhecer todos os seus segredos.

Entre árvores centenárias, histórias antigas e criaturas que talvez existam apenas dentro de nós, o Eddie embarca numa viagem extraordinária onde descobre o poder da amizade, da música e da imaginação.

E à medida que aprende a cantar e ganha coragem para expressar aquilo que sente, percebe que a verdadeira força não está em nunca ter medo, mas em encontrar a voz para o enfrentar.

Um livro mágico sobre família,
esperança e a coragem de sermos
verdadeiramente vistos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Leitura Infantil

www.penguinlivros.pt

penguinkidspt

8+

ISBN: 978-989-589-769-8



9 789895 897698